

APROXIMANDO WITTGENSTEIN E FREIRE POR MEIO DA LINGUAGEM

Heloisa Helena Duval de Azevedo¹

RESUMO

O presente texto faz parte de um projeto desenvolvido junto ao grupo de pesquisa FepráxiS (Filosofia, educação e práxis social) e objetiva discutir a relação entre educação e filosofia examinando a produção teórica de Wittgenstein e Paulo Freire. Wittgenstein é um filósofo com tradição nas áreas de lógica e filosofia da linguagem e pouco estudado na área educacional. Por outro lado, Paulo Freire é estudado e conhecido no âmbito educacional. O texto resgata a origem do modelo racional e, partindo dele, construímos uma gênese histórico-filosófica para nos aproximarmos do ponto de encontro, entre os dois autores. A partir deste encontro postulamos categorias wittgensteinianas que sejam capazes de servir de fundamento para uma releitura da obra de Paulo Freire, bem como apontar para um outro olhar sobre a prática pedagógica freiriana.

Palavras-chave: Wittgenstein. Paulo Freire. Linguagem. Educação.

ABSTRACT

The present text is part of a project developed with *Fepráxis*, a research group on Philosophy, Education and Social Praxis. It aims at discussing the relation between Philosophy and Education examining Wittgenstein and Paulo Freire's theories. Wittgenstein is a thinker whose theories are located in the areas of Logic and Philosophy of Language and whose texts are rarely known in educational area. On the other hand, Paulo Freire's writings are studied and largely recognized in educational environment. The present text retakes the rational model's origin and builds a philosophical history *genesis* in order to get proximity between the authors. We present Wittgensteinian concepts which may be used as a grounding point for Paulo Freire's texts and we also indicate a new look to Freirean pedagogical practice.

Keywords: Wittgenstein. Paulo Freire. Language. Education.

¹Doutora em Filosofia (PUCRS). Bolsista PRODOC (Programa de absorção de recém doutores) do PPGE (Programa de Pós-graduação em Educação) da FaE (Faculdade de Educação) – UFPel (Universidade Federal de Pelotas) pela linha de pesquisa Filosofia, Educação e Sociedade. Professora pesquisadora do grupo de pesquisa FepráxiS (Filosofia, educação e práxis social). E-mail: heloisaduval@gmail.com.

Quando indagamos, acerca da educação podemos usar o recurso de uma metáfora, como, por exemplo, a de que a educação é como nuvens que pairam sobre algumas cabeças. Dizemos que essas indagações não são privilégio de uma pessoa que se considere estudiosa de uma ou outra área ou um autor. Consideremos essas indagações como nuvens num horizonte onde o que nos inspira é a admiração diante do mundo que se apresenta. Lembremos Platão, na obra *Teeteto*, nos dizeres do personagem Sócrates a Teeteto: “Próprio do filósofo é o estado da tua alma: a admiração. Porque a filosofia não conhece outra origem (155d)”. Na tentativa de aclarar esse mundo e entender o universo de significações em que vivemos, encontramos pontos comuns de inquietação entre dois autores. Autores que viveram em períodos distintos bem como têm suas origens em diferentes realidades. Um é austríaco, de família tradicional e o outro é um brasileiro que nasceu no nordeste. Na tentativa de aclarar um universo de significações, recorremos ao filósofo Ludwig Joseph Johann Wittgenstein² e ao educador Paulo Freire³ e consideramos que os dois têm o espírito filosófico citado por Platão. Essa mesma admiração seguida pela inquietude diante do que se apresenta resulta em um exercício teórico e/ou prático que tenta responder ao movimento da alma.

Tão importante quanto visitar as categorias apresentadas pelos distintos pensadores, ou buscar a sistematização de ambos, propomos um novo olhar. Em que, pensaríamos muitos, esses pensadores se aproximam? Pertencem a tradições e contextos distintos; além disso, viveram em épocas diferentes. O que descobrimos é um Wittgenstein que passou pela experiência como professor de séries iniciais, entre a primeira e a segunda obra, como também pela elaboração de um dicionário próprio para crianças, resultado da mesma experiência. Surgem muitas perguntas e na mesma proporção, ou ainda com mais intensidade, dúvidas. Uma das primeiras indagações é se a experiência como professor em um lugar remoto influenciou sua teoria, modificando sua maneira de ver o mundo. Pois, quando lemos sobre os jogos de linguagem e vislumbramos outra possibilidade de ver o mundo nos remetemos à proposta de ver o mundo, de Freire. E essa possibilidade aponta para um reconhecimento de uma ligação entre os dois a partir da linguagem e da maneira de ver o mundo. Consideremos que a linguagem exerce a atividade de resolver e descrever os problemas, bem como possibilita a modificação de nossa maneira de ver o mundo.

Temas pertinentes à educação não fazem parte do rol de conceitos com os quais Wittgenstein trabalha. Suas teorias representam um período marcado por grandes e distintas mudanças na filosofia. Mas,

recorrendo ao filósofo austríaco Wittgenstein, podemos pensar no exercício de um olhar sobre questões como a educação, suas práticas e seus principais conceitos. Em anos recentes, o interesse pelo autor tem sido despertado em diversas áreas de estudo, inclusive na educação. Desde o final dos anos 90, sua aproximação com a educação se dá por meio de sua obra editada postumamente, conhecida como *Investigações Filosóficas*. Nossa intenção é a de construir uma gênese histórico-filosófica que contribua para o entendimento de sua proposta e tentar elaborar questões que possam incitar nossos pensamentos relacionados à educação. Suas obras mais conhecidas são o *Tractatus Logico-Philosophicus*⁴ e *Investigações Filosóficas*. Correntemente ouvimos ou lemos sobre o Wittgenstein destas duas obras, com teorias e princípios distintos. Teorias ligadas à linguagem ou a lógica, mas dificilmente associadas à educação. Suas primeiras anotações, hoje conhecidas como *Prototractatus*, são os rascunhos que deram origem ao *Tractatus*. Assim como os chamados *Livro Azul* e *Livro Marrom*, que originaram as *Investigações Filosóficas*. As diferenças entre as principais obras são claras e definidas e podemos afirmar que existem pontos em comum entre as idéias da primeira obra conhecida e a segunda. É o dever de ser inviolável consigo mesmo que permeia toda a sua obra. Wittgenstein nos informa que a crítica da linguagem deu início à virada lingüística, que é característica do século XX, identificando a filosofia como atividade de esclarecimento e não teoria. Refletindo sobre o movimento da virada lingüística e associando-o à educação, podemos pensar em transformar a realidade, assim como refletir sobre as múltiplas formas de conviver e educar, bem como voltar a atenção para a linguagem ordinária.

Para esboçar um traço cronológico, em que a relação entre pensamento e realidade aparece, nos atrevemos a dizer que esse traço inicia com Parmênides e Platão, tendo como um dos objetivos pesquisar sobre a linguagem e estabelecer sua estrutura fundamental. Wittgenstein é herdeiro desse traçar e a grande questão é se há algo em comum entre o que pode ser pensado e o próprio pensar, ou, em outras palavras, entre mundo e linguagem, ou ainda, realidade e linguagem. Devemos lembrar a origem dessa questão. O primeiro pensador que demonstra, através de um poema, essa inquietação entre a relação ser pensado e o próprio pensar é Parmênides. Considerando, é claro, uma linha onde o traçado inicial começa com Parmênides, passa por Platão e Aristóteles, chegando até aos contemporâneos Frege, Russell e Wittgenstein. O desfecho dado por Parmênides sobre a relação entre ser pensado ou ser e o próprio pensar ou pensar, encontramos-lo em seu poema, nos fragmentos II e III:

²Doravante Wittgenstein.

³Faremos referência a Paulo Freire como Freire no texto.

⁴A partir de agora, quando nos referirmos a esta obra, o faremos apenas como *Tractatus* e não *Tractatus Logico-Philosophicus*.

E agora vou falar; e tu, escuta as minhas palavras e guarda-as bem, pois vou dizer-te dos únicos caminhos de investigação concebíveis. O primeiro (diz) que (o ser) é e que o não-ser não é; este é o caminho da convicção, pois conduz à verdade. O segundo, que não é, é, e que o não-ser é necessário; esta via, digo-te, é imperscrutável, pois não podes conhecer aquilo que não é – isto é impossível -, nem expressá-lo em palavras (fragmento II). [...] Pois pensar e ser é o mesmo (fragmento III) (BORNHEIM, 1999, p. 54-55).

O que pode ser pensado é o que pode ser; conseqüentemente, o que pode ser é o que pode ser pensado. Quando exercitamos o pensar, pensamos algo, considerando algo que é; quanto ao exercício de pensar o que não é, na verdade, segundo Parmênides, não pensamos nada, por conseguinte, o não-ser não é. O ser é e o não-ser não é; esta é uma das primeiras frases filosóficas que escutamos no início dos estudos acadêmicos de filosofia e que, ao longo dos estudos, tentamos desvendar. A beleza desse tipo de afirmação é que nos faz exercitar o pensamento que até hoje não se esgota, pois há sempre algum pensador que tenha outra versão. No fragmento VI, encontramos a origem dessa afirmação que ainda hoje gera contradição entre os comentadores e estudiosos da filosofia:

Necessário é dizer e pensar que só o ser é; pois o ser é, e o nada, ao contrário, nada é: afirmação que bem deves considerar. Desta via de investigação, eu te afasto; mas também daquela outra, na qual vagueiam os mortais que nada sabem, cabeças duplas. Pois é a ausência de meios que move, em seu peito, seu espírito errante. Deixaram-se levar, surdos e cegos, mentes obtusas, massa indecisa, para a qual o ser e o não-ser é considerado o mesmo e não o mesmo, e para a qual em tudo há uma via contraditória (fragmento VI) (BORNHEIM, 1999, p. 55).

Considera-se o ser, para Parmênides, como eterno, imutável e imóvel, não admitindo pensar mudança ou diferença, o que leva Platão, no diálogo *O Sofista*, a cometer o chamado parricídio, demonstrando que o discurso dos sofistas é falso. Se considerássemos a tradição de Parmênides, em relação ao discurso dos sofistas, ele seria considerado verdadeiro, pois o discurso, pelo simples fato de ser discurso, é verdadeiro. Platão percebe os limites do pensamento de Parmênides e observa que os sofistas usam o discurso falso para apresentar aquilo que não-é como sendo. O

discurso sobre o mundo pode ser representado e esta apreensão, que é um exercício intelectual de captação do objeto, também é uma relação entre realidade e pensamento e este é um dos vários questionamentos que acompanham a filosofia desde Parmênides⁵. No *Tractatus*, nos aforismos de número 4 (quatro), encontramos as principais afirmações sobre a linguagem e suas relações, onde Wittgenstein faz menção ao “Homem que possui a capacidade de construir linguagens [...] e que esta faz parte do organismo humano [...], e não menos complicada para ele (4.002)”. E, ainda em Freire, encontramos uma afirmação semelhante, que diz: “Posto diante do mundo o homem estabelece uma relação sujeito-objeto da qual nasce o conhecimento que ele expressa por uma linguagem” (FREIRE, 1979, p. 67).

A linguagem se realiza no jogo, seu nascimento, seu desenvolvimento e sua morte pertencem ao jogo da linguagem. Existem elementos comuns que são encontrados no mundo e a interpretação deles se dá por meio da linguagem. Linguagem que é uma característica própria do humano. Por meio da linguagem, podemos nos entender e estabelecer acordos sobre as coisas que nos são apresentadas pelo mundo. Freire, em *Medo e Ousadia*, apresenta-nos um conceito chamado diálogo, ei-lo:

[...] o diálogo é uma espécie de postura necessária na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre a realidade tal como a fazem e re-fazem (1990, p. 123).

A linguagem é dialógica por levar em conta nossa história individual, nosso conhecimento, ou seja, nossas representações de mundo. Consideremos o diálogo como um jogo de linguagem do qual quem participa segue algumas regras, como, por exemplo, ouvir, compreender, acompanhar, comprometer-se. Entendemos que o objeto do conhecimento não é de uso exclusivo de um dos participantes do jogo, mesmo que ele seja conhecido de um ou mais participantes. De acordo com Freire, o diálogo tem a função de confirmação do conhecimento ou do exercício do reconhecer um referido objeto de estudo. A construção do conhecimento, segundo Freire, acontece partindo da vivência de experiências que possam ser significadas pelos sujeitos participantes do diálogo. O exercício do diálogo é a tentativa de re-aprender o conhecimento e não de depositá-lo como em uma conta de banco. Como diz Freire em vários de seus escritos, o homem é um ser que está no mundo e com o mundo e, por isso,

⁵Desde Parmênides, o problema da relação entre realidade e pensamento está presente, assim como também sobre a falsidade e veracidade do discurso, em SANTOS, *A Harmonia Essencial*. 1196, p. 437: “A questão da harmonia entre pensamento e realidade é o resultado do aprofundamento filosófico do que parecem ser constatações triviais”. Santos descreve as origens da relação entre pensamento e realidade, traçando uma linhagem que vem desde Parmênides até Wittgenstein.

estabelece uma relação entre sujeito e objeto, que é expressa pela linguagem.

Para o Wittgenstein das *Investigações Filosóficas*, a linguagem é uma forma de ação e de atividade. Uma atividade que envolve significação das formas de vida e cultura, ou ainda, uma rede de significações envolve tanto a forma de vida quanto o que acreditamos como cultura. Lembremos que foi a perspectiva social que levou Wittgenstein a modificar sua teoria e sua prática filosófica. Segundo Wittgenstein:

Uma cultura é como uma grande organização que atribui a cada um de seus membros um lugar em que ele pode trabalhar no espírito do conjunto; e é perfeitamente justo que o seu poder seja medido pela contribuição que consegue dar ao todo. Numa época sem cultura, por outro lado, as forças tornam-se fragmentárias e o poder do indivíduo consome-se na tentativa de vencer forças opostas e resistências ao atrito; tal poder não é visível na distância que percorre, mas unicamente no calor por ele produzido ao vencer o atrito (1980, p.20).

Lembramos que o movimento da virada lingüística traz como consequência diferentes determinações ou rumos de possíveis aplicações em se tratando da análise da categoria cultura, bem como uma nova proposta de enxergar o mundo a partir dos jogos de linguagem.

Para Freire, em *Educação e Mudança*, o homem está inserido em um mundo onde toda a atividade pertence a um mundo histórico-cultural, lembrando que o homem é um ser de práxis, que cria seu mundo e tem condições de responder aos desafios que esse mesmo mundo lhe envia (1979). Entende cultural como atividades que envolvam desde instrumentos de caça, passando pela linguagem até uma obra de Picasso. Segundo Freire:

Todos os produtos que resultam da atividade do homem, todo o conjunto de suas obras materiais ou espirituais por serem produtos humanos que se desprendem do homem, voltam-se para ele e o marcam impondo-lhe formas de ser e de se comportar também culturais (1979, p. 57).

Trata-se de buscar uma perspectiva do homem que, por meio da linguagem, mediatiza o mundo que é experimentado por ele mesmo sendo no mundo. Para ambos os pensadores, só um indivíduo engajado, que pertença ao mundo, pode modificá-lo. Ou ainda, como diria Wittgenstein:

[...] uma linguagem é um aspecto da ação humana, enraizada no comportamento

humano. Ela não surgiu a partir de algum tipo de raciocínio. Falar é agir; e verbalizar palavras e sentenças está entrelaçado a atividades humanas que ocorrem dentro do mundo do qual somos parte. Uma linguagem em uso é parte de uma forma de vida (1996, § 133).

Isso significa que, para conhecer o que está por trás de um significado, devemos conhecer o contexto da atividade em que esse está inserido, pois a significação não é só um exercício metafísico, pelo contrário, o exercício da significação por meio da linguagem faz parte de uma forma de vida que pertence a um mundo prático. Se voltarmos nosso olhar para os grandes pensadores clássicos, encontramos uma característica em comum que é do nosso interesse. Pensadores como Platão, Aristóteles, Agostinho e Confúcio, entre outros, demonstraram atenção cuidadosa para com a linguagem comum, também conhecida como linguagem ordinária. Eles são depositários de uma intenção entre a relação homem e mundo por meio da linguagem.

Ao transportarmos a questão da relação do homem com a linguagem para a educação, podemos, inspirados em Freire, dizer que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. E, quando pensamos a prática pedagógica, devemos levar em conta a relação entre linguagem e mundo, bem como lembrar que o olhar deve ser uma admiração típica de quem tem o espírito filosófico e a práxis e quem está e é com o mundo. Em sua última obra, Wittgenstein nos convida a pensar por nós mesmos e nos aconselha a não considerá-la como se fosse algo que nos pouparia do trabalho de pensar. E, termina dizendo que, se fosse possível, gostaria de incitar alguém aos próprios pensamentos.

REFERÊNCIAS

- BORNHEIM, Gerd. **Os Filósofos Pré-socráticos**. São Paulo: Cultrix, 1999.
- DIÈS, A. *Platon. Oeuvres Complètes*. Tome VIII, 2ème partie et 3ème partie. Paris: Les Belles Lettres, 1950.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. 15. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1986.
- _____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**. Trad. Adriana Lopez. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- SANTOS, Luiz Henrique Lopes dos. A Harmonia Essencial. In: VVAA. **A Crise da Razão**. São Paulo: s.e., 1996.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Cultura e Valor**. Lisboa: Edições 70, 1996.
- _____. **Investigação Filosófica**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 1993.